



15º CONGRESSO BRASILEIRO DE
**Gastroenterologia
Pediátrica**

19º CONGRESSO LATINO AMERICANO E
10º CONGRESSO IBERO AMERICANO DE
GASTROENTEROLOGIA, HEPATOLOGIA E NUTRIÇÃO

Centro de Convenções de Natal . RN . Brasil
26 a 29 de março de 2014

Trabalhos Científicos

Título: Teste Do Desencadeamento Oral Na Alergia à Proteína Do Leite De Vaca: Resultados Sistemáticos Preliminares De Centro De Referência Do Sul Do Brasil

Autores: CAMILA DA ROSA WITECK PEREIRA; ALESSANDRA CORTES DE CARVALHO TELES; GERUZA MARA HENDGES ; FRANCINE MEDINA; RAQUEL AGOSTINHO PETROCA IRUZUM; ANA CAROLINA MORABITO DE BARROS; JULIANA GHISLENI DE OLIVEIRA; DALTRO LUIZ ALVES NUNES; HELENA AYAKO SUENO GOLDANI

Resumo: Objetivos: No Brasil observa-se uma dificuldade para a dispensação pública racional de fórmulas especiais para pacientes com alergia a proteína do leite de vaca (APLV). O objetivo do estudo foi avaliar o impacto da sistematização do teste de desencadeamento oral (TDO) em crianças com APLV em ambiente de hospital público universitário. Métodos: Estudo observacional retrospectivo de pacientes acompanhados em ambulatório de Gastroenterologia Pediátrica com diagnóstico clínico de APLV em dieta de exclusão de proteína do leite de vaca por tempo superior a doze semanas submetidos ao TDO, entre janeiro/2012 a novembro/2013, avaliados no momento do teste (T0), 7 dias (T1) e 30 dias (T3). Resultados: Foram realizados 48 testes de TDO em 44 pacientes. Mediana de idade dos pacientes no momento de realização do teste de 22 meses (IIQ 25-75 15-35:), 53,3% do gênero feminino. Mediana de idade ao diagnóstico de APLV de 5 meses (IIQ 25-75: 3-11), e 79,5% possuíam este diagnóstico prévio ao encaminhamento. As principais manifestações clínicas de APLV foram diarreia (26,6%), urticária (24,4%), hematoquezia (20,0%). A duração da dieta teve mediana de 14 meses (3-52 meses). No momento do teste, 52% dos pacientes estavam em uso de fórmula de soja, 39% com fórmula extensamente hidrolisada ou aminoácidos e 8% em aleitamento materno com restrição da dieta materna. O teste foi positivo em 41,1% dos pacientes, 20,3% em T0, 12,5% em T1 e 8,3% em T3; destes, 52,6% apresentaram manifestação semelhante ao diagnóstico. Dos pacientes com teste negativo em T0, o teste foi completo até T3 em 85% dos pacientes, sendo a dieta livre orientada após T0. Conclusão: Houve prevalência de 58,9% de testes negativos na amostra estudada, provavelmente por desenvolvimento de tolerância à proteína do leite de vaca. O TDO sistematizado pode auxiliar sobremaneira nas políticas públicas visando a dispensação racional de fórmulas especiais.